

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

REQUALIFICAÇÃO URBANA E GENTRIFICAÇÃO EM FORTALEZA-CE: O CASO DA FAVELA DO
POÇO DO POÇO DA DRAGA NA PRAIA DE IRACEMA

Vancarder Brito Sousa (UFPB/FANOR)

Requalificação Urbana e Gentrificação em Fortaleza-CE: O caso da favela do Poço da Draga na Praia de Iracema

Resumo

O presente trabalho analisa as transformações vividas por uma favela de Fortaleza-CE, a Comunidade do Poço da Draga, oriundas das mudanças sócio-espaciais da cidade, em especial, as conseqüências de um processo de “revitalização urbana” iniciado nos anos 1990 em função do incremento da competitividade regional da metrópole voltada para o turismo e eventos. Neste processo de “requalificação” foi anunciado em 2001, pelo Governo do Estado do Ceará, o projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará – CMEFC, a ser construído no local onde atualmente se encontra a Comunidade em questão. Do anúncio do projeto derivou uma série de reações por parte dos moradores que são exploradas por esta pesquisa com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o fenômeno.

Este estudo se inscreve na discussão sobre as transformações contemporâneas das metrópoles diante da emergência de novos paradigmas globais de concorrência econômica e seus desdobramentos urbanísticos frente à questão das favelas. A questão que norteia esse trabalho diz respeito a como os processos macroestruturais se delineiam na dinâmica de uma cidade e de seus moradores, em especial quando esta se encontra na periferia dos circuitos globais de comunicação, serviços e negócios. Sobretudo quando parte desses cidadãos está à margem tanto das decisões, quanto dos benefícios das transformações recentes, como são os casos dos moradores de favelas ou bairros de baixa-renda, ambulantes, sem teto etc.

A análise de intervenções urbanas recentes, baseadas num urbanismo pós-moderno em um bairro da cidade de Fortaleza-CE, na Praia de Iracema e de uma comunidade pobre nela localizada, a Favela do Poço da Draga, permite recuperar essa dinâmica, a partir da percepção das mudanças pelos moradores, o que clarifica as estratégias de negociação simbólicas e políticas, que apresentam conseqüências na definição do espaço urbano.

O momento atual de transformações da Praia de Iracema, marcado com mais intensidade pelo desdobramento de elementos de um processo de requalificação urbana iniciado nos anos 1990, estimula pensar sobre como pode ser constituído o espaço urbano a partir do entrecruzamento de diferentes interesses: culturais, políticos que valorizam os lugares sob a ótica do empreendimento econômico. Dinâmica essa que implica a exclusão ou inserção marginal de atores que não dizem respeito aos interesses das novas intervenções que visam a “revitalização” de tais espaços.

A relevância desta temática ganha corpo a partir da inauguração oficial em 28 de Abril de 1999, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC pelo governo do Estado do Cearáⁱ. Antes dele uma série de reformas na Praia Iracema, promovidas tanto pela Prefeitura Municipal, como a construção de um calçadão e a reforma do Estorilⁱⁱ pelo governo municipalⁱⁱⁱ, visaram requalificar aquele espaço tradicional da cidade em função da atração turística e de entretenimento de padrão econômico mais elevado. Concomitantemente às mudanças estruturais se fez sentir na Praia de Iracema uma crescente implantação de bares e restaurantes voltados para segmentos de consumo mais favorecidos (ver figuras 1 e 2).

Essa requalificação iniciou uma cadeia de eventos que, além de afetar em um primeiro momento os moradores de classe média e média-baixa do bairro, que se viram na iminência de abandono de seus antigos lares, pela intensificação da movimentação de visitantes e novos usuários (SCHRAMM, 2000), recolocou em evidência a favela do Poço da Draga (ver figura 3), alvo de diversas tentativas de remoção ao longo dos mais de 50 anos de sua existência na Praia de Iracema.

Com o anúncio do projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará – CMEFC pelo Governo do Estado em outubro de 2001, a ser construído na área ocupada atualmente pela favela do Poço da Draga, estabeleceu-se que os moradores seriam transferidos para um condomínio de bom padrão construtivo, na Praia de Iracema, situado a 600 metros do local atual, delimitado pelas vias: Avenida Almirante Barroso, Rua Almirante Tamandaré, Rua Senador Almino e Rua Dragão do Mar^{iv} (ver figura 4).

A noção de requalificação urbana remete às mudanças na cidade em face de projetos de renovação urbanísticas e culturais de áreas centrais e de valor histórico, freqüentemente degradadas. Nestas intervenções, os novos sentidos e usos apontam para a grande probabilidade que seus antigos moradores e usuários sejam afastados, remetendo a um enobrecimento dos novos freqüentadores.

Essa leitura esboça uma compreensão dos processos macroestruturais que regem a dinâmica das mudanças na cidade, amparados nos condicionamentos da reestruturação capitalista das últimas três décadas, mas pouco explora a perspectiva dos moradores da cidade, ou seja, como esses percebem e vivenciam estas mudanças. Sobretudo quando é levada em consideração a elaboração de uma nova imagem da cidade visando os interesses econômicos em face da concorrência regional ou global entre cidades.

Essa questão ganha novos contornos quando é percebida dentro do contexto de cidades periféricas que só muito recentemente deram início a projetos de intervenção, de matizes pós-modernos, em seus centros históricos, por exemplo Salvador, com a revitalização

do Pelourinho (NOBRE, Sd), ou Recife com a requalificação do Bairro do Recife Antigo (LEITE, 2004; ZANCHETTI, 1998, 1998b, 2001), Fortaleza e a Praia de Iracema (GONDIM, 1998, 1999; SCHRAMM 2001), João Pessoa (SCOCUGLIA, 2003) como também, a cidade de Belém.

Como a lógica deste processo se reproduz em diferentes cidades do mundo, cabe perguntar como em cada uma seus moradores vivenciam esse processo e perceberam a mudança de seus lugares dentro do espaço. Assim, parece pertinente dar ênfase às narrativas e práticas das classes subalternas que elaboram imagens próprias do desenvolvimento das metrópoles e de Fortaleza em particular. Imagens que dizem muito sobre as relações sociais e identitárias do lugar e refletem sentidos outros sobre a cidade que não os afirmados pelos símbolos movimentados através discurso de modernização.

Desta forma, o cotidiano dos moradores do Poço da Draga e a visão destes sobre o processo de mudança interessam, porque permitem compreender como o reordenamento e a reorientação do espaço na cidade exige a re-elaboração de consensos, de imagens e percepções de inclusão, ainda que, na realidade, fundadas na exclusão. As sociabilidades e as representações do espaço urbano, produzidas pelos moradores do Poço da Draga permitem uma compreensão melhor do desenvolvimento urbano de Fortaleza. Nessa perspectiva, os sentidos da historicidade da cidade encontram-se intrincados com os destinos dos indivíduos do Poço da Draga.

A presente estudo pretende então, mapear a construção simbólica do Poço da Draga como lugar frente às transformações urbanas oriundas do processo de revitalização da Praia de Iracema. Este mapa simbólico se pretende um fragmento da maneira como as populações sujeitas a processos de enobrecimento representam sua relação com a cidade que a cerca.

Desta forma, para entender a percepção dos moradores do Poço da Draga sobre o processo de mudanças que a Praia de Iracema tem experimentado nos últimos anos a pesquisa centrou-se nas imagens sociais que eles elaboram, relacionando-as com as rápidas transformações porque tem passado a cidade de Fortaleza, sobretudo devido às intensas intervenções urbanísticas dos últimos 16 anos.

Segundo Magnani, com muita frequência os debates sobre a questão urbana, sobretudo no contexto das transformações contemporâneas envolvendo o planejamento estratégico se pautam pela

ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade a parte dos seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas

transnacionais, das elites locais de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, Atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade (MAGNANI, 2002, p. 14).

A perspectiva da “ausência“, como referida por Magnani, imposta pelos grandes discursos de renovação, que se apropria da cidade para conformá-la num padrão de ação voltado para os interesses de desenvolvimento econômico de setores como o mercado imobiliário e de turismo, tende a suprimir a noção de experiência e de vivências que dão significado a constituição dos lugares pelos que nele habitam. Assim também como ao bairro como componente dinâmico da configuração do tecido urbano, visto como espaço público, um lugar de reconhecimento posto em prática por seus moradores (DE CERTEAU, 1994; MAYOL, 1996). Como afirma também Mayol, “pode-se portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço particularizado” (1994, p. 40).

Esta apropriação se faz ao longo do tempo por práticas e vivências capazes de orientar as formas de sentir o espaço e o próprio tempo a partir da construção de uma gramática que ordena as experiências do espaço para aqueles que nele convivem. Como percebe DaMatta (1997, p. 36-37): “cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser lembrado como parte e parcela do seu patrimônio – como mito e narrativas”.

De outro lado, este esforço de elucidação dos aspectos particulares das relações sociais e da construção simbólica e material do urbano pelos atores sociais no Poço da Draga teve como objetivo esclarecer como as dinâmicas de modernização e as representações de progresso reverberam e são apropriadas constantemente pelos moradores no curso de sua história.

Os processos de produção do espaço urbano em Fortaleza parecem estar fundados, em parte, nesta mecânica de atualização do passado sob os olhos e as necessidades do presente. Nela se encontra parte importante dos esforços dos moradores do Poço da Draga para driblar os temores dos prováveis futuros da localidade frente ao enobrecimento do entorno da Praia de Iracema. E mesmo, da transferência para o futuro condomínio a ser construído, entre os quais se destaca o receio frequentemente referido em suas falas, de que a permanência na região seja impossibilitada por fatores como a valorização imobiliária da região, bem como elevadas taxas, impostos e custos de manutenção do novo condomínio a serem cobrados após a mudança.

Um dos aspectos mais importantes a ser levado em consideração na análise dos efeitos do processo de requalificação urbana sobre os segmentos menos favorecidos, como também, das mudanças dos sentidos do espaço público (como observado após a implantação do Centro Dragão do Mar e mudanças no entorno) ganha corpo na observação da tensão dos moradores frente à possibilidade de transferência e necessidade de adaptação a um novo padrão de moradia com custos mais elevados.

No caso em estudo não parece factível que o simples título de propriedade do futuro apartamento e os cursos de requalificação profissional prometidos pelo governo do Estado, sejam suficientes para estimular a ascensão e a manutenção desse novo padrão de vida, acentuando incertezas quanto à permanência da comunidade na área da praia e a qualidade desta permanência, que marcam a favela desde seu nascimento.

Desta forma, neste ambiente de transformações rápidas que o entorno do Poço da Draga apresenta (e que estão imbricados ao processo de desenvolvimento urbano de Fortaleza), os depoimentos dos moradores esclareceram o quanto do imaginário do lugar e das relações locais ali constituídas são determinantes para a elaboração dos processos de significação daquele lugar. Desta operação de aproximação das narrativas ligadas à experiência dos moradores da favela surgiu uma outra face da constituição da própria cidade.

O processo de aproximação dos moradores do Poço da Draga permitiu a formação de um quadro interpretativo tanto dos conflitos historicamente constituídos na relação entre o desenvolvimento da cidade, fundada no ideal de progresso, e a constituição da localidade. Como afirma Magnani (2003, p. 6): “seja qual for o recorte escolhido é preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu próprio perímetro”.

O esclarecimento do caminho que se delineia deste cruzamento entre discurso urbanístico, do ordenamento e o local, então, se somaria ao que Magnani chama de “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 17) que, se opondo a perspectiva que identificou como “de fora e de longe”, evitaria a dicotomia entre os processos urbanos mais gerais e a singularidade das práticas localizadas de indivíduos e grupos. Para Magnani, a apreensão realizada pelo pesquisador do espaço urbano numa perspectiva aproximativa revelaria que, ao contrário da aparente aridez dos processos econômicos, políticos e imobiliários mais amplos, os lugares estão repletos de relações sociais estabelecidas entre pessoas e grupos que se apropriam e significam o espaço:

É nesse plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade (MAGNANI, 2002, p. 17).

A elaboração de uma descrição da trajetória do Poço da Draga frente aos efeitos de diversos momentos da mudança urbana até a atualidade teria alguns matizes de um processo de aproximação definido por esse “olhar de perto e dentro” referido por Magnani. A perspectiva do particular, do local, tomada aos moradores, vem ao encontro da visão do universo das grandes cidades, considerada, sobretudo como somatório de forças econômicas e políticas, produto de grandes estruturas burocráticas, econômicas, para compor um quadro de sentidos mais complexos e dinâmicos sobre a cidade. Trata-se de reconhecer o papel dos atores sociais, no caso em questão, dos moradores do Poço da Draga, como importantes intérpretes do processo de mudança que o bairro atravessa ao longo de sua existência.

O resultado obtido é um mapa representativo das impressões a respeito do entrelaçamento da experiência espacial frente ao processo de mudança acelerada pela requalificação para os moradores da comunidade observada. Neste resultado, os relatos e observações realizadas junto à comunidade, parecem remeter à idéia de que a condição de participação na constituição do lugar, os diversos tipos de interesses desenvolvidos pelos moradores, muitos deles conflitantes, criam redes de sentido e sociabilidade próprias, factíveis de reconhecimento pelos que dela fazem parte.

A respeito da construção de um sistema simbólico capaz de estruturar o grupo, DaMatta (1997, p. 37) afirma que

Cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser sempre lembrado como parte e parcela do seu patrimônio – como mitos e narrativas –, daquelas experiências que não devem ser acionadas pela memória, mas que evidentemente coexistem com as outras de modo implícito, oculto, inconscientemente, exercendo também uma forma complexa de pressão sobre todo o sistema cultural.

A reflexão de DaMatta, auxilia no questionamento sobre a forma como a vivência cotidiana desenvolvida no Poço da Draga seria parte de uma série de estratégias de resignificação das tensões e inseguranças da contínua ameaça de expulsão daquele espaço em nome do desenvolvimento urbano, (ou como freqüentemente encontrado nos discursos de apoio às reformas, em nome do “bem-comum”) do perecimento frente às mudanças da cidade. Quais seriam os processos locais de elaboração desse acervo imaginário e simbólico, com

vistas à constituição de tais estratégias? Como se definiria o diálogo entre a ordem simbólica das ameaças externas e as expectativas pessoais e coletivas no interior do Poço da Draga?

Os sujeitos com suas narrativas são personagens fundamentais destas estratégias, sendo responsáveis não só pela guarda de uma parcela de memória local, mas, sobretudo pela constituição de “chaves” de compreensão dos sentidos do relacionamento do urbano com o local. Um recorte que se aproxima à categoria de “pedaços” descrito por Magnani (2003, p. 07): “denotando lealdades, códigos compartilhados, pertencimentos”. Estas “chaves de compreensão”, ao mesmo tempo em que emergem do grupo, definem os laços de sociabilidade fortalecendo a união, ou possibilidades destes, bem como as distensões e conflitos entre os membros do grupo, frente às transformações urbanísticas e às mudanças do espaço.

Os depoimentos dos moradores e a observação da constituição das dinâmicas sociais esclarecem o quanto o imaginário do lugar e das relações locais ali constituídas pode ser importante para a construção dos processos de interpretação das mudanças da cidade e compreensão da trajetória do próprio lugar ao longo do tempo, frente às ameaças de dissolução do território comum, das incertezas, das tensões e dos conflitos internos ligados aos diversos momentos do processo de modernização da cidade. Como afirma Magnani:

Para uma população sujeita as oscilações do mercado de trabalho, a precariedade dos equipamentos urbanos e a um cotidiano que não se caracteriza, precisamente pela vigência dos direitos de cidadania, pertencer a um “pedaço” significa dispor de uma referência concreta, visível e estável – daí a importância do caráter territorial na definição da categoria” (MAGNANI, 2003, p. 06).

A construção ao longo do tempo de um discurso de visibilidade e legitimidade pelos moradores do Poço da Draga parece ressaltar a necessidade de elaboração destas “referências concretas, visíveis e estáveis” às quais se refere Magnani. Algo além do que a precariedade física e social que a favela poderia ensejar.

O processo de requalificação que se processa na Praia de Iracema desde os anos 1990 e seus efeitos mais recentes sobre o Poço da Draga após o anúncio do projeto do CMEFC coloca em evidência a assimetria entre os ideais da cidade oficial que se movimenta a partir de pressupostos econômicos da valorização do espaço e a permanência da comunidade nos marcos da sua precariedade, o que sugere a idéia de um injusto jogo de “cabo de guerra”. Neste, ao longo dos anos e das sucessivas tentativas de remoção os moradores articularam estratégias e táticas na forma de acordos tanto internos quando externos que garantissem a possibilidade de continuar no “jogo”.

Observando a relação da cidade^v *versus* a comunidade ao longo do tempo, esta, embora em condições de fragilidade e sujeição, não parece se enquadrar na mera idéia de dominação do mais forte (a cidade e o discurso de ordenamento e desenvolvimento) sobre o mais fraco (os moradores).

Para entender como se apresenta essa polissemia nas relações entre o Poço da Draga e a cidade é preciso compreender como se articulam as dimensões estruturais e vernaculares (Zukin, 2000 e 2000b), o que remete a própria formação da favela. Uma melhor forma de visualizar estas articulações se dá através da constituição de uma “linha do tempo”, como a apresentada abaixo, na qual os principais eventos que condicionaram as relações entre o lugar e as pessoas possam ser identificados:

Linha do tempo do poço da draga

- 1910 (aproximadamente)** – Início do povoamento do núcleo que se tornará o Poço da Draga.
- 1947** – Início do funcionamento do Porto do Mucuripe. Fim das atividades portuárias que empregavam muito dos moradores.
- 1963** – Aprovação do “Plano Diretor de Fortaleza”, de autoria do arquiteto Hélio Modesto. Aprovado pela Lei nº. 2128 de 20 de março de 1963. Previa o aterramento e construção no Poço da Draga de um parque e locais de concentração pública (feiras, exposições, congressos etc.) (SEINFRA, 2002, p. 10).
- 1970** – Preparativos para a remoção do Poço da Draga em função da execução do Plano Diretor.
- 1975** – Instalação da INACE no antigo poço das dragas, parte dos moradores são obrigados a se mudarem para a área atual, mais distante da praia, outros são transferidos para o Conjunto Palmeiras. Dissolução da Colônia de pescadores Z-18 no Poço da Draga.
- 1979** – Aprovação da Lei de Uso e Ocupação do Solo nº. 5122-A que previa a verticalização da Av. Beira Mar, o que resultou na construção de condomínios e hotéis de luxo. Lançou as bases para a valorização imobiliária da Praia de Iracema e a expulsão de parte dos antigos moradores deste bairro (SCHRAMM, 2001).
- 1980** – O Poço da Draga foi selecionado para participar do PROMORAR, programa de erradicação de favelas e construção de conjuntos habitacionais do governo Federal. Foi considerada área de risco e classificada em quarto lugar em prioridade de remoção entre as favelas da cidade (OLIVEIRA, 2002, p. 49).
- 1984** – Criação da Associação dos Moradores do Poço da Draga – AMPODRA, no contexto de ampliação dos movimentos sociais em Fortaleza.

- 1995** – Nova ameaça de remoção, anúncio da Operação Consorciada da Praia de Iracema pela Prefeitura Municipal para revitalização da área compreendida entre o hotel Marina Park (dos mesmos proprietários da INACE e o bar Pirata) na gestão de Antonio Cambraia (1993-1996). A proposta motiva o CDPDH a mover uma Ação de Interdito Proibitório com pedido de liminar contra a execução do projeto.
- 1996** – Diante da reação da comunidade a Prefeitura recua da idéia de remoção e oferece a proposta de urbanização com a permanência da comunidade em condomínio de bom padrão. A proposta é aceita e a Ação de Interdito Proibitório suspensa.
- 1997** – A Prefeitura Municipal de Fortaleza, gestão de Juraci Magalhães, cancela o projeto da gestão anterior e anuncia a transferência da comunidade para um terreno próximo, a “chácara das flores”, para a construção da “via expressa”. A comunidade, ainda com a assessoria do CDPDH, retoma a Ação de Interdito Proibitório suspensa e impede o desenvolvimento da proposta.
- 1999** – Inauguração do CDMAC pelo Governo do Estado, durante a terceira gestão de Tasso Jereissati (1999-2002).
- 2000** – No final da gestão Juraci Magalhães (o prefeito seria reeleito), a Prefeitura realiza obras de pavimentação e drenagem em parte do Poço da Draga, reduzindo os efeitos dos alagamentos.
- 2001** – Anúncio do CMEFC pelo Governo do Estado. O Governo propõem a “troca” da área do Poço da Draga por uma outra de escolha da comunidade dentro da Praia de Iracema e a construção de um condomínio para as famílias. A comunidade aceita a proposta.
- 2006** – O recém empossado secretário de turismo do Estado anuncia que o CMEFC não será mais construído dentro do mar como previsto no projeto original.

As mudanças na comunidade do Poço da Draga ao longo do tempo refletem as transformações urbanísticas da cidade e das experiências dos moradores. A trajetória de desenvolvimento da cidade de Fortaleza, suas reconfigurações econômicas e suas necessidades de expansão espacial, irão definir aspectos fundamentais da estrutura social do Poço da Draga: as formas como os membros desta comunidade tecem sociabilidades internas, relações de solidariedade, vizinhança, parentesco e conflitos, assim como se relacionam e simbolizam suas posições frente aos diferentes interesses urbanísticos.

Mesmo moradores da favela com perfil sócio-econômico mais elevado, alguns com renda que os incluiria em um padrão classe média, se referem ao momento do anúncio da transferência em função da construção do CMEFC vivido pelos moradores do Poço da Draga como forma de injustiça, com a imposição de um projeto alheio aos interesses do grupo. Isto apesar do processo de convencimento e divulgação da Secretaria de Infra-estrutura do Estado, com a realização de reuniões e audiências públicas nas quais os temas eram o processo de

implantação do CMEFC e da mudança dos moradores para o novo condomínio. Processo a que chamarei de “teatros de legitimação da transferência”, haja vista a forma da nova moradia já estava previamente definida.

Com o objetivo de realizar uma aproximação qualitativa do problema das mudanças da cidade de Fortaleza a partir da ascensão dos processos de “revitalização” promovidos, sobretudo pelo poder público municipal e estadual no início dos anos 1990, este estudo enredou-se pela construção de um panorama no qual os sentidos das mudanças urbanísticas pudessem advir tanto do discurso oficial quanto das narrativas dos moradores da favela do Poço da Draga.

A cidade de Fortaleza como outras capitais nordestinas como Salvador, Recife, São Luís, Belém e João Pessoa, têm buscado desde o início dos anos 1990, se destacarem em um cenário de competição acirrada por um novo mercado definido pela atratividade turística e de serviços. Com o declínio da chamada sociedade industrial fordista esta tendência ganha força nas metrópoles dos países mais desenvolvidos a partir do início dos anos 1980. Neste novo cenário econômico global das “redes”, com a profunda reformulação financeira e política inclusive (com novas definições do papel do Estado), o ideal de desenvolvimento das cidades deixa de ser a indústria, acompanhada de tudo que lhe dizia respeito: chaminés, grandes galpões, o aspecto soturno da lógica da produção em massa e... grande concentração de operários.

Com o advento da sociedade baseada na “acumulação flexível” as grandes cidades industriais viram gradativamente seus parques industriais e os centros urbanos que lhe davam suporte declinarem. As atividades industriais passaram por um processo de reengenharia que as obrigou a migrarem para locais, cidades ou países, que oferecessem menores custos produtivos. De modo geral o resultado do processo, em um primeiro momento, foi a abandono no todo, ou em parte, dos antigos centros históricos destas cidades. Estes lugares passaram, com frequência, a servir de abrigo para desempregados, sem-teto, pobres em geral, os herdeiros esquecidos e invisíveis da decadência do modelo industrial.

A “descoberta” da possibilidade do crescimento econômico da cidade a partir da venda de uma imagem atraente vinculada à fruição, à realização de negócios e à prestação de serviços, fez o interesse dos gestores, planejadores e investidores se voltarem para o filão adormecido, o patrimônio edificado e simbólico dos antigos lugares. Agora, estes seriam “resgatados” para a coletividade a partir de caros processos de revitalização urbana que visavam a requalificar também seus significados.

A nova estética das cidades parece se pautar então, não apenas pela eficiência dos novos serviços, mas sobretudo pelo aspecto “memorável” de sua imagem. A grande questão a respeito destes processos de revitalização é que os contingentes humanos pobres que os ocupavam durante seus períodos de esquecimento só retomam uma visibilidade momentânea para os poderes urbanísticos enquanto obstáculo, antes de sua remoção, ou operações de disciplinamento que controlem também a presença dos *outsiders* dos espaços enobrecidos.

No caso das capitais nordestinas em geral, e no de Fortaleza em particular, se trata de implantar processos de requalificação urbana na periferia social e econômica de um país periférico desta nova economia global. Esta peculiaridade remete à constatação de indicadores sociais dramáticos e amplos contingentes populacionais sujeitos as várias nuances de injustiça social. Entre elas, destaque-se o problema do acesso à moradia e o crescimento acelerado das favelas.

No rastro dos projetos revitalização, estes atores sociais estigmatizados, para evitar sua remoção, ou, quando não são de todo removidos, precisam articular estratégias de ocupação, permanência e visibilidade dos sítios onde já se encontram. Estratégias políticas de alianças com setores organizados da sociedade civil ou políticos por um lado, mobilização e conscientização interna por outro. Também podem lançar mão de práticas de apropriação espacial, os “contra-usos” como resistência ao enobrecimento.

Da análise do processo histórico da interlocução do Poço da Draga com a cidade de Fortaleza, com destaque para os efeitos sobre a revitalização da Praia de Iracema e, mais recentemente, do anúncio da transferência para a construção do CMEFC, emergiram diversos aspectos que compõem o fenômeno da requalificação urbana na contemporaneidade. E, também, aspectos mais particulares da construção de sociabilidades sob a lógica da incerteza, da precariedade e do controle social.

Interrogando com mais proximidade o estabelecimento das relações de interesses entre a comunidade e as diretrizes de desenvolvimento que a cidade exige, parece ficar claro, por um lado, que a atualização do ideal de progresso representado pelas novas intervenções urbanas cobra um preço existencial muito alto destas pessoas, fato esse capaz de gerar marcas, códigos sociais de orientação que podem ser lidos de fora. Por outro, o processo produz dissensos, interpretações conflituosas e contraditórias sobre o sentido de pertencer. Em comum, o lugar, porém não como uma foto, representação que se pretende mais próxima do real, mas algo polimorfo e em constante recriação. Os pontos de referência geográficos espaciais podem ser os mesmos, mas sua leitura se mostra diferente pela perspectiva política ou subjetiva das emoções de quem o pratica.

Observando este relacionamento assimétrico entre o lugar de pobreza e a cidade que o envolve, verifica-se que esta em relação ao Poço Draga, em alguns momentos o ignorou, em outros tolerou, em outros mais vigiou e ameaçou. Este tipo de interesse urbano pode, simplesmente negligenciando a existência dos lugares de pobreza, colocá-los em uma espécie de suspensão temporal, no qual o lugar pode ficar esperando os adventos imobiliários que o torne atrativo economicamente.

O Poço da Draga foi vítima desse processo algumas vezes ao longo de sua história. Em relação ao “esquecimento”, a existência da comunidade de certa forma pode ser entendida como “útil”, à medida que ajudava a concentrar os pobres em uma faixa de terra longe dos bairros nobres da cidade, servindo de destino para parte das levas de miseráveis que migravam do sertão. Essa utilidade também podia ser percebida na oferta de mão de obra para o trabalho pesado de movimentação de carga na Ponte Metálica.

Com a decadência dessas operações portuárias seguiu-se um intervalo de tempo no qual a vida difícil no Poço da Draga não apresentou grandes desassossegos. Tempo conveniente, para a atualização e consolidação do imaginário de valorização da praia e costa pela cidade. O fim do ostracismo se deu através de uma inserção de choque: primeiro o Plano Hélio Modesto, logo em seguida a instalação da Indústria Naval do Ceará - INACE, movida pela ascensão da indústria da pesca que exigia uma quantidade cada vez maior de barcos. Outro breve intervalo e novo esquecimento até a chegada dos anos 1990 e com eles uma nova requalificação do sentido, importância e valor da praia.

Seguiram-se as tentativas de remoção de 1995, 1997 pela Prefeitura e interesses imobiliários e turísticos até a chegada da proposta de 2001 de construção do CMEFC. Neste momento, surpreendentemente, o governo acenou com uma proposta de troca que aparentemente a comunidade acatou. A proposta do Governo do estado surgiu sob a forma de escolha, por parte da comunidade, da área para onde seria transferida, com boa infra-estrutura e capacitação profissional para a adaptação ao novo padrão e, mais importante, a posse do imóvel no ato da mudança, haja vista a comunidade não possuir a Cessão Real de Uso.

Nestes termos a questão sobre os problemas envolvidos na atual proposta de transferência se torna mais delicada. O primeiro aspecto é o do conflito político interno que se tornou mais evidente à medida que a proposta do Governo se mostrava mais concreta e confiável. A Associação do Moradores do Poço da Draga - AMPODRA em 2001 já contava com oito anos de uma mesma gestão, neste momento, aparentemente tranqüila, sem conflitos mais evidentes.

A efervescência oriunda da presença dos técnicos do governo e de órgãos conveniados na comunidade, da maratona de audiências públicas, assembleias, reuniões de capacitação, cursos e a repentina exposição na mídia, gerou um ambiente interno de tensão frente a apatia que se vivia.

Esta tensão pareceu se alimentar também dos boatos, ora de favorecimentos frente ao futuro projeto, ora de fraqueza nas negociações frente ao governo.

A tensão culminou em um processo eleitoral muito disputado e com manobras duras de um grupo contra o outro em busca de afirmação. Finalmente a pressão chegou ao clímax nas eleições ocorridas em 21 de Março de 2001, com a vitória da oposição por apenas 9 votos. Não aceitando a derrota, uma representante da chapa derrotada discutiu com um representante da chapa vencedora. A discussão evoluiu para um confronto com a agressão física à candidata derrotada, uma denúncia policial de agressão e a tentativa (frustrada) de anulação judicial do pleito.

De 2001 até 2006 já se vão cinco anos e o projeto de transferência não se concretizou, apesar das garantias renovadas a cada encontro por parte dos representantes da Secretaria de Infra Estrutura do Estado do Ceará - SEINFRA. O projeto passou pela pasta de dois Governadores sem solução, com a realização das eleições para o Governo do Estado em outubro de 2006, uma nova conjuntura política partidária, com a presença de novos atores pode dar novos rumos ao destino do velho Poço das Dragas, ou não. Enquanto isso a comunidade toca sua vida, recompondo a cada dia sua história, atualizando os significados de cada um dos pontos de referência de suas trajetórias: o mar, a praia, a ponte, o Centro Dragão do Mar, O poço, a INACE etc. Refazendo a cada dia a esperança de um desfecho e esperando, esperando...

ⁱ Apesar de concluído em 1998 durante a segunda gestão de Tasso Jereissati (1995-1998), seu projeto e parte das obras se deu durante o governo Ciro Gomes (1991-1993).

ⁱⁱ O atual restaurante Estoril foi construído em 1926, pelo Coronel Porto, um sobrado familiar que recebeu o nome inicial de "Vila Morena". Nos anos 1940 foi transformado em restaurante e ponto de referência da boemia e de artistas fortalezenses, além de ponto de referência importante na Praia de Iracema (SCHRAMM, 2000).

ⁱⁱⁱ Reforma da Ponte dos Ingleses concluída em 1994.

^{iv} O governo do Estado através da Secretaria de Infra-estrutura - SEINFRA após negociações com os moradores ofereceu a possibilidade dos moradores da comunidade escolhessem uma área nas proximidades do Poço da Draga atual para a construção do novo condomínio onde seriam realocados.

^v Ressaltando aqui os pressupostos do desenvolvimento econômico.

BIBLIOGRAFIA

ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba (orgs). Um século de favela. 3ª edição, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

ARANTES, Antonio A. Espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.

ARANTES, Otília. Urbanismo em fim de linha: e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2001.

_____ (et. Al.). A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERNAL, Cleide. A Metrópole Emergente; a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza. Fortaleza: UFC/BNB, 2004.

BURGOS, Marcelo Baumann. A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: PUC- Rio/Loyola, 2002.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação polifônica. 2ª edição, São Paulo, Studio Nobel, 1997.

CARLOS, Ana Fani A. Espaço-Tempo na Metrópole. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, Manuel e BORJA, Jordi. As cidades como atores políticos. Novos Estudos CEBRAP, número 45, julho de 1996.

CAPELO FILHO, José e SAN MIGUEL, Lúcia S. Cores da Cidade Fortaleza- projeto de restauração. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://ofipro.com.br/trabalhos/htmls/coresdacidade.htm> Arquivo capturado em 31 de maio de 2004

DANTAS, E. W. C. Mar à vista: Estudos da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

DAMATTA, Roberto. A Casa & a Rua: espaço, cidadania e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA SILVA, José Borzacchiello. Os Incomodados não se Retiram. Fortaleza: Multigraf, 1992.

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer, V. I. Petrópolis: Vozes, 1999.

DE DECCA, Edgar Salvatori. Memória e Cidadania. In: O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do patrimônio Histórico, 1992.

ANJOS JR., Moacir dos. Quinze notas sobre identidade cultural no nordeste do Brasil. In. Cadernos de estudos sociais. Vol. 14, nº 1, Recife, Ed. Massangena, 1998, p. 5-15.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, J. L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Revista Inside Brasil. Em nome de uma indústria cultural (entrevista com Paulo Linhares). Fortaleza, n. 14, mai 1998.

FEITOSA, Luiz Tadeu. O Poço e a Draga: a favela e a biblioteca. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, PUC - São Paulo: impressa, 1996.

_____. A Praia de Iracema como Patrimônio Cultural: patrimônio de quem. In: Olhar Midiático (Revista de Comunicação e Informação). Ano 1, nº 1, março: UFC – Deptº de Comunicação Social e Biblioteconomia, P. 96 – 106, 1998.

FERREIRA, Ângela L. de A. e MARQUES, Sônia. Privado e público: inovação espacial ou social: [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://ub.es/geocrit/sn-69-20.htm> Arquivo acessado em 12 de julho de 2004

FIX, Mariana. Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

FRÚGOLI Jr., Heitor. Centralidade em São Paulo: Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, 2000.

GASPAR, Luciano. A Integração Econômica e Social de uma Favela: estudo sobre o “poço da Draga”. Fortaleza, sem editora, 1970.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza: BNB, 1979.

GONDIM, Linda M. P. O Dragão do Lazer e da Cultura Invade a praia de Iracema. Trabalho apresentado no V Seminário de História da Cidade e do urbanismo, PUCCAMP, Campinas: impresso, 1998.

_____. Relatório Circunstanciado de Atividades e Plano de Trabalho para continuação da pesquisa “Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: a produção de imagens da ‘moderna’ Fortaleza no centro dragão do mar”. Fortaleza: impresso, 1999.

_____. Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Edições UFC, 1999 b.

_____. “A construção social da memória na moderna Fortaleza”. Mimeo, 2000.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, 1998, impresso.

JUCÁ, Gisafran N. M.. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. 2ª edição, São Paulo: Annablume, 2003.

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. 2ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 1993.

KOURY, Mauro G. Pinheiro. Trabalho e Disciplina (Os homens pobres nas cidades do nordeste: 1889-1920). In: Relações de Trabalho e Relações de Poder: Mudanças e permanências (anais). Fortaleza: UFC, 1986.

_____. Diferenciação Entre o Bem e o Mal: Pobreza, violência e justiça. In: Nordeste, o que há de novo? (anais). Natal: UFRN, 1988.

_____. As Violências Invisíveis: Paraíba – 1993. In: Revista Política e Trabalho. João Pessoa: PPGS/UFPB, 1994.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. O Que é Imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEITE, Rogério P. Contra-usos da cidade: lugares e espaço público da experiência urbana contemporânea. Campinas-São Paulo, Editora Unicamp; Aracaju-Sergipe, Editora UFS, 2004.

LEMENHE, M. Auxiliadora. As Razões de uma Cidade. Fortaleza: Estylus Comunicações, 1991.

LINHARES, Paulo. Cidade de Água e de Sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LOPES, Marciano. Fortaleza Antiga: praças, ruas, esquinas. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

LYON, David. Pós-modernidade. São Paulo: Paulus, 1998.

MAGNANI, José G. Cantor. Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. De Perto e Dentro: Notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49. ANPOCS, 2002.

_____. Rua, símbolo e suporte da experiência. Disponível na Internet via www. URL: <http://aguaforte.com/antropologia/> Arquivo acessado em 12 de outubro de 2003.

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: alternativas para uma crise urbana. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2002.

MARQUES, Regina E. R. Barros. Urbanização, Dependência e Classes Sociais: o caso de Fortaleza. Fortaleza: dissertação de mestrado em sociologia, UFC, mimeo, 1986.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano. 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, p. 37-45, 1997.

MENEZES, Antônio B. de. Descrição da Cidade de Fortaleza. Fortaleza: UFC, 1992.

MOREL, Edmar. Vendaval da Liberdade: a luta do povo pela abolição. São Paulo: Global, 1988.

NOBRE, Eduardo A. C. Intervenções urbanas em Salvador: turismo e 'gentrificação' no processo de renovação urbana do Pelourinho. Anais do X Encontro Nacional da Anpur. S/D.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: o direito ao passado. Projeto História, São Paulo: n.º 10, 1993, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Heloísa Maria de. O Poço da Draga e a Construção de Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará: Resistir ou arriscar? Projeto de Pesquisa de Monografia, Curso de Sociologia -UFC, Fortaleza: Mimeo, 2002.

PECHMAN, R. Moses (org.). Olhares Sobre a Cidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Époque: reformas Urbanas e Controle Social 1860-1930. 2ª edição. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

SCHRAMM, Solange M. O. Território Livre de Iracema: Só o nome ficou? Dissertação de Mestrado. Mestrado em Sociologia-UFC, Fortaleza: mimeo, 2001.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcante. Revitalização Urbana e (Re) Invenção do Centro Histórico de João Pessoa (1987-2002). João Pessoa: UFPB, 2004.

SECULT-CE. Plano de Desenvolvimento Cultural. Estado do Ceará, 1995/1996. Governo do Estado do Ceará, (s.d.), (impresso).

SECULT-CE. Relatório Técnico Justificativo da Inserção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura no PRODETUR-CE. Fortaleza: Estado do Ceará, 1996.

SEINFRA-CE. Censo Sócio-Econômico do Poço da Draga. Fortaleza: Estado do Ceará. 2001.

_____ Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará: Estágio atual dos estudos e projetos. Fortaleza: Estado do Ceará, 2002.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Chapecó, SC, Argos, 2003.

SASSEN, Sáskia. As cidades na economia mundial. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In. MORAIS FILHO, Evaristo de. Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Sociologia I. Madri: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977.

_____. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. In: CHOAY, Françoise (org.). O Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, p. 329-338, 1979.

SOUSA, Vancarder B. Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: política cultural no discurso de modernização do “governo das mudanças”. Dissertação de mestrado em sociologia, UFPB, mimeo, 2000.

_____. A Cidade e a favela: o “Poço da Draga” e a requalificação urbana em Fortaleza. Tese de doutorado em sociologia, UFPB, mimeo, 2006.

TEIXEIRA, Francisco J. S. CIC: a “razão esclarecida” e a FIEC. Fortaleza, Caderno de ensaios do IMOPEC, 1995.

VALLADARES, Lícia do P. A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, v.15, nº 144, outubro de 2000, p 5-34, 2000.

VALLADARES, Lícia do P. A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. & Medeiros, Lúcia. Pensando as Favelas no Rio de Janeiro (1906-2000): uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro: 2003.

WEIL, Simone. A Condição Operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZANCHETI, Sílvia Mendes. Revitalização do centro histórico do Recife: uma experiência de gestão com a iniciativa privada. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://urbanconservation.org/textos/bid.htm> Arquivo acessado em 05 de maio de 2004.

_____. Os processos recentes de degradação e revitalização no Brasil. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://urbanconservation.org/textos/lisboa98.htm> Arquivo acessado em 05 de maio de 2004.

_____. e LACERDA, Norma. A revitalização de áreas históricas como estratégia de desenvolvimento local: avaliação do caso do bairro do Recife. [on line] Disponível na Internet via www. URL: <http://ceci-br.org/textos/brecifeaval.doc>

ZUKIN, Sharon. Mapeando Cultura e Poder. In. ARANTES, Antonio A. Espaço da diferença. Campinas: Papirus. P 81-103, 2000.

_____. Paisagens do Século XXI: notas sobre a mudança social no espaço urbano. In. ARANTES, Antonio A. Espaço da diferença. Campinas: Papirus. P 104-115, 2000b.

Anexo



Figura 1: Aspecto da Rua dos Tabajaras após a requalificação. Esta se localiza a apenas uma quadra da rua principal da favela do Poço da Draga , a rua Viaduto Moreira da Rocha (fonte: <http://www.cidadesdobrasil.com.br>).



Figura 2: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (fonte: Revista Marketing Cultural)



Figura 3: Aspecto da principal Rua do Poço da Draga, a Viaduto Moreira da Rocha marcada por um padrão construtivo simples e ritmo mais íntimo e lento contrastando com a sofisticação das ruas requalificadas do entorno (foto: Vancarder Sousa).



Figura 4: Vista do projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará que ocupará uma área de 19 hectares de aterro marítimo, também ocupando a área do Poço da Draga (Figura-montagem: SEINFRA).